

Pamplona

Em abril completamos 1 mês do falecimento de nosso colega Pamplona, na ocasião homenageado pelo Bent e pelo Athayde, em postagem no nosso grupo de WhatsApp. Ao fazer minhas suas palavras, gostaria também de acrescentar algumas lembranças do nosso estimado colega, personalidade única e marcante, engenheiro, sico, desenhista, professor, pianista, violonista, juiz, etc, por todos respeitado em sua brilhante carreira, generoso e, acima de tudo, um grande amigo. Tive a satisfação de almoçar com ele e esposa na comemoração dos 60 anos de ingresso da nossa turma na Escola Naval, sendo que não nos víamos fazia mais de 50 anos, por motivos de carreira.

O Pamplona desde cedo se destacou pela incrível habilidade com desenho, a par de outras aptidões como, por exemplo, a música. Lembrei da nossa primeira viagem pela Escola Naval no “Custódio de Mello”, quando o serviço na Praça de Maquinas era visto como um grande sacrifício, pelas condições de temperatura, ruído, etc. Pois o Pamplona usou seu quarto de serviço para produzir um desenho, em perspectiva, da Praça de Máquinas, com válvulas, tubulações, caldeiras, e demais equipamentos, no maior detalhe, enquanto a maioria de nós se excomungava pelo desconforto do serviço. Perfeccionista, ainda como Segundo-Tenente, na Corveta Solimões, seu capricho na elaboração dos croquis de navegação fluvial era notável, para alegria dos nossos colegas hidrógrafos, que recebiam o trabalho bem adiantado, ou “mastigado”.

Após regressar da Amazônia, prestou concurso para o Quadro de Engenheiros e Técnicos Navais, e em sequência, formou-se Engenheiro Naval, com brilhantismo, no difícil curso da USP, em São Paulo. De volta à MB, e após profícuo trabalho na área da Diretoria de Engenharia Naval, pode encaminhar sua maior vocação, a saber, o Magistério. Tornou-se, então, professor

concurado da Escola Naval, onde revelou, a par do profundo conhecimento técnico, sua facilidade para o ensino e incrível capacidade de interagir com seus alunos. Foi em Mecânica dos Fluidos, salvo engano, que se destacou e granjeou muita fama. Eu acompanhava, de longe, o brilhante desempenho do Pamplona, pois seguimos rumos diferentes em nossas carreiras, sendo que nosso colega deixou um rastro de competência, amizades e prestígio, assim como admiração junto aos seus pares. Os alunos (aspirantes) a ele se referiam com especial respeito. Lembrei quando, durante uma viagem de instrução com alunos da Escola Naval, eu trocava ideias com os futuros oficiais, durante os quartos de serviço no passadiço do saudoso CT Piauí. Invariável e espontaneamente, os aspirantes manifestavam seu apreço pelo mestre, recordando a relação amigável que se somava à notável capacidade e excepcional competência do professor, que a todos cativava. Não por acaso, foi nomeado Juiz do Tribunal Marítimo, importantíssimo cargo do Poder Judiciário e enorme desafio, que o Pamplona enfrentou com a serenidade e proverbial modéstia que o caracterizavam, daí sua passagem indelével por aquele tribunal, onde pode aplicar sua imensa capacidade técnica. Não contente, Pamplona, já aposentado, seguiu como professor na UFF, onde orientava os mestrandos em engenharia, com as suas habituais competência e cordialidade, daí os alunos terem nomeado “Centro de Convivência Prof. Carlos Fernando Martins Pamplona” o centro que congregava os alunos da Engenharia.

Ainda no almoço da Escola Naval, tive a oportunidade de lembrar ao nosso colega um episódio ocorrido bem uns 50 anos atrás e notável por seu simbolismo. Lá pelo ano de 1964, estávamos em Belém, Pamplona, Magarinos, PG e eu dando uma volta pelo Parque Emilio Goeldi, nas poucas vezes em que nossos navios se encontravam juntos, em Val-de-Cães. Pamplona com seu violão. O Olney estava viajando, na Bahiana. Eis que nosso violonista começa a tocar “O Bigorrião”, marchinha de grande sucesso no carnaval anterior. A música contagiante foi, então, se espalhando

pelas aléias do parque, e começaram a surgir, de uma vila próxima, montes de crianças, pobres e mal vestidas, como que contaminadas pelo som mágico daquele ritmo encantador. Formou-se então, um quadro curioso. Um músico seguido por uma multidão de crianças pulando, cantando, rindo e dançando, ao som do seu violão. Em pouco tempo, parecia um bloco de Carnaval, com a molecada explodindo de alegria e felicidade. Daí a analogia com o Flautista de Hamelin, fábula dos Irmãos Grimm, cuja flauta encantada seduziu (no bom sentido) todas as crianças da vila medieval, e as conduziu para fora do burgo. No nosso caso, o músico era o violonista que, a exemplo do flautista, encantava a todos. Agora, duro foi mesmo convencer aquela molecada que nós tínhamos que ir embora....

E assim terminamos o nosso agradável almoço na EN, onde pude confirmar que o Pamplona continuava o mesmo: inteligentíssimo, generoso, competente, brilhante e, o mais importante, um FAZEDOR DE AMIGOS.

Marcelo Ozorio Rosa

ozoriomarcelo29gmail.com